

to erase so that memory remains empty and myths do not decompose» (Blanchot 198). One must not stop here but go one step further: if one is fortunate enough to discover one's own personal myth, it is only because discovery so often and so closely resembles creation.

Erik Van Achter

WORKS CITED

- BATAILLE, Georges (2006), *The Absence of Myth*. Translated by Michael Richardson. New York & London: Verso.
- BLANCHOT, Maurice (2001), *Faux Pas*. Translated by Charlotte Mandell. Stanford, CA: Stanford University Press.
- BLUMENBERG, Hans (1985), *Work on Myth*. Translated by Robert M. Wallace. Cambridge, MA: MIT Press.
- CURCIO, James, ed. (2011a), *The Immanence of Myth*. London: Weaponized, 2011.
- CURCIO, James, ed. (2011b), *The Best of Modern Mythology* [forthcoming].
- MOTTE, Warren, ed. (1998), *OULIPO: A Primer of Potential Literature*. Champaign and London: Dalkey Archive.
- NICOLESCU, Basarab (2011), «Disciplinary Boundaries», *Bulletin Interactif du Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires (CIRET)* 21 (Jan 2011): 1-3. <http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/ARTICLES/Nicolescu_fichiers/DisciplinaryBoundaries.pdf>.
- QUENEAU, Raymond (2007), *Letters, Numbers, Forms: Essays, 1928-70*. Translated by Jordan Stump. Urbana and Chicago, IL: University of Illinois Press.
- «myth, n.». OED Online. June 2011. Oxford University Press. 22 July 2011 <<http://oed.com/viewdictionaryentry/Entry/124670>>.

LITERATURA ELETRÔNICA: NOVOS HORIZONTES PARA O LITERÁRIO
N. KATHERINE HAYLES
 São Paulo, Editora Global, 2009
 208 páginas, ISBN 978-852-60-1415-2

Com uma formação inicial na área da Química, N. Katherine Hayles veio a centrar-se no estudo da literatura, nomeadamente no estudo da cultura digital, tecendo elos entre ciência, tecnologia e literatura. Para aqueles que seguem os passos da literatura eletrônica, N. Katherine Hayles tornou-se num nome incontornável. Autora das obras *How We Became Posthuman* (1999), *Writing Machines* (2002) e *My Mother was a Computer* (2005), em 2008 Hayles acrescentou um novo título à área de estudos literários. Trata-se da obra *Electronic Literature: New horizons for the Literary* (2008), agora também disponível em português.

A edição aqui apresentada conta com o prefácio de Tania Rösing e Miguel Rettenmaier, onde o leitor é advertido que o livro que irá ler foi produzido em meio digital. Publicada em 2009, a edição brasileira do livro *Electronic Literature: New Horizons for the Literary* (2008), apresenta um grafismo semelhante ao original em inglês, o qual procura espelhar as potencialidades do

meio digital. A introdução do livro foi intitulada de «Leia-me» («Readme»), um arquivo utilizado em meio digital que serve para facultar informações sobre, por exemplo, a instalação de um software. E é precisamente esse objetivo que esta lexia alcança. Nesta introdução, N. Katherine Hayles sugere como o seu livro pode servir «para auxiliar o avanço da literatura na sala de aula» (p. 13). A edição brasileira não é acompanhada pelo CD, onde o leitor pode encontrar várias obras de literatura eletrônica, também publicadas no sítio web da Electronic Literature Organization.¹ No entanto, Hayles refere que este foi acrescentado à edição impressa para comodidade do leitor. Tanto na edição original, como na brasileira, o leitor dispõe ainda de um sítio, onde estão publicados inúmeros recursos direccionados para o ensino de literatura eletrônica.²

No primeiro capítulo, N. Katherine Hayles descreve o seu livro como a «primeira tentativa de estruturar sistematicamente todo o campo da literatura eletrônica». De facto, este livro

surge como um valioso instrumento para todos os leitores que desejam iniciar ou alargar a investigação feita nesta área. Neste primeiro capítulo, a autora começa por apontar alguns dos obstáculos colocados à legitimação e divulgação da literatura eletrônica. Hayles refere que existe uma proliferação de obras que são publicadas em linha pelos seus autores, o que testemunha a crescente produção de literatura em meio digital. Contudo, a qualidade e quantidade destas obras são impossíveis de determinar. A publicação dispersa e aleatória destas obras coloca sérios problemas em termos de arquivo e divulgação. Isto faz com que elas sejam consideradas como inferiores ao «cânnon impresso».

Neste capítulo inicial, onde se pretende responder à pergunta «o que é literatura eletrônica», Hayles refere que esta não pode ser vista «através da lente da obra impressa» e que é preciso atentar nas «especificidades dos meios digitais». Refere igualmente a necessidade de considerar a literatura eletrônica «como parte integrante da tradição literária», e de «introduzir transformações cruciais que redefinam o que é literatura». Oferece ainda uma definição de literatura eletrônica, distinguindo-a da mera digitalização. Para Hayles ela é uma literatura «nascida no meio digital», ou seja, «um objeto digital de primeira geração criado pelo uso de um computador e (geralmente) lido em uma tela de computador» (p. 20). Citando a definição da Electronic Lite-

1 O conteúdo do CD-ROM (*Electronic Literature Collection, Volume 1*, ISSN 1932-2011) foi publicado na íntegra em linha, em Outubro de 2006, no endereço electrónico seguinte: <http://collection.eliterature.org/1/>. Em Fevereiro de 2011 foi publicado em DVD-ROM o 2º volume (*Electronic Literature Collection, Volume 2*, ISSN 1932-2011), que também está integralmente disponível em linha: <http://collection.eliterature.org/2/>. Ao contrário do primeiro volume, quase exclusivamente composto por autores de língua inglesa, o segundo volume inclui várias obras em francês, português e espanhol.

2 Os recursos podem ser encontrados em <http://newhorizons.eliterature.org/>

ature Organization, acrescenta que é uma «obra com um aspecto literário importante que aproveita as capacidades e contextos fornecidos por um computador independente ou em rede» (p. 21). Porque a palavra «literatura» está ligada a toda uma tradição de arte verbal, e porque a literatura eletrônica desafia «a repensar nossos pressupostos do que a literatura pode fazer e ser», Hayles propõe o uso do vocábulo «literário». A fim de garantir uma definição precisa da literatura eletrônica face à literatura impressa, refere que o texto eletrônico depende da «urgência» do código. Sendo assim, no capítulo inicial, Hayles salienta uma característica fundamental da literatura eletrônica. Para ler uma obra deste tipo, o leitor terá que manipular o código (ainda que indiretamente através da interface), ou seja, terá que interagir com o software.

Hayles refere-se às fases de evolução da literatura eletrônica distinguindo uma fase clássica, durante a qual prevalecem as obras construídas através do programa Storyspace e uma segunda fase (fase contemporânea) que começa a partir de 1995 e que se demarca da anterior pelo uso das capacidades multimodais da Web. Sendo assim, o software utilizado pelo programador/autor de uma obra eletrônica, surge como um elemento distintivo entre géneros. Hayles refere alguns desses géneros que surgiram desde a introdução da Web até aos nossos dias: «ficção em hipertexto, ficção na rede interligada, ficção interativa, narrativas loca-

tivas, instalações, *codework*, arte generativa e o poema em Flash». A partir da descrição destes géneros, a autora desenha uma biografia da investigação feita na área da literatura eletrônica. Esta preocupação em associar à literatura eletrônica uma genealogia e uma história, confere a este livro um carácter testemunhal que apresenta a literatura eletrônica como um campo de estudos válido e sério.

Hayles reflete igualmente sobre os obstáculos ao entendimento da especificidade do medium onde a literatura eletrônica se insere: «a tentação de ler a tela como uma página é especialmente sedutora» (p. 38). De facto, enquanto a literatura eletrônica tem uma presença visível apenas há duas décadas, a cultura impressa conta com instituições que divulgam, publicam e distribuem livros há cerca de 500 anos. Isto faz com que seja difícil ver a literatura eletrônica sob uma perspectiva que não seja a herdada de séculos de tipografia.

O seu livro surge marcado por um discurso que pretende legitimar a literatura eletrônica face à cultura impressa. Os seus argumentos não são baseados numa contraposição entre os dois média, mas numa aproximação, o que não significa que a especificidade de cada um seja ignorada. Hayles sabe que o meio digital suscitou discussões frutíferas na arena dos estudos literários e pretende cessar com uma tendência estigmatizadora das obras nascidas em ambiente eletrônico. Para tal, defende um prolongamento do

trabalho crítico de forma a abranger a literatura eletrônica. Porém, este processo «requer novos métodos de análise e novas formas de ensino, interpretação e execução» e exige que o crítico pense «digitalmente». Isto quer dizer que, ao mesmo tempo que o crítico se preocupa com a especificidade do medium, ele deverá utilizar (e não romper) com «os recursos das valiosas tradições com base na literatura e crítica impressas» (p. 43). Só assim poderá a literatura eletrônica ser inserida nos estudos literários, sem recorrer a uma permanente contraposição com o medium impresso.

Hayles não esquece que a literatura eletrônica começou na tentativa de suplantando o seu adversário impresso, cingindo-se a potenciar as suas capacidades, através dos recursos disponibilizados pelo computador. Nessa fase inicial existia um otimismo exacerbado que coincidia com a generalização do computador e com as capacidades que esta máquina exibía ou prometia desenvolver. Atualmente existe uma preocupação fundamental em definir a literatura eletrônica no conjunto das práticas literárias, uma questão que Hayles aborda consecutivamente, a cada página do seu livro. Na verdade, existe uma crescente produção de arte em ambiente digital, o que denuncia que a antiga oposição face ao livro impresso deixou de ser uma questão fundamental.

O argumento do fim do livro impresso, nomeadamente do romance, e a sua substituição pelo livro eletrônico, criou um fosso entre ambos os

média que a autora pretende eliminar. Ela reconhece a importância do trabalho feito pelos primeiros teóricos do hipertexto, referindo-se a George Landow e Jay David Bolter. O programa Storyspace havia sido inventado para colocar em prática o conceito pós-estruturalista do texto rizomático em aberto, o qual serviria para limitar a influência do autor, aumentando a participação do leitor. A hiperligação seria um elemento fundamental neste processo, porque implicava o leitor na construção do texto, através de uma interação com a máquina. Contudo, Hayles refere que toda a teoria de libertação do leitor construída à volta do «link» não constituía uma novidade. As notas de rodapé, os textos rizomáticos de Jorge Luis Borges ou Julio Cortázar, por exemplo, já haviam concretizado as mesmas propostas no texto impresso.

Como já foi acima salientado, Hayles aponta igualmente para um problema fundamental: o da preservação, arquivo e divulgação de textos eletrônicos. O software utilizado na produção e difusão de obras eletrônicas depressa se torna obsoleto e as obras encontram-se distribuídas aleatoriamente pela Web, dificultando a sua catalogação ou promoção. Ao contrário de um livro que se mantém acessível durante décadas, as obras eletrônicas são objetos de difícil conservação e arquivo, impedindo o estabelecimento de um corpus de análise ou identificativo deste tipo de literatura. Hayles vê estes factores como

uma clara desvantagem em relação ao livro impresso:

Com um cânone reduzido, limitado a alguns anos e sem a oportunidade de construir o tipo de tradições associadas com a literatura impressa, a literatura eletrônica corre o risco de ser condenada ao domínio do efêmero, seriamente restrita em seu desenvolvimento e na influência que pode exercer. (p. 51)

A Organização de Literatura Eletrônica, da qual N. Katherine Hayles foi presidente, promove a *Iniciativa de Preservação, Arquivo e Divulgação* (PAD) que tem em vista dar a conhecer, arquivar e preservar obras eletrônicas. Esta organização permite uma «resposta fácil» a quem procure literatura eletrônica de qualidade, pois no seu site são publicadas periodicamente coletâneas de literatura eletrônica. «Acid-free bits» é um documento produzido pela Organização de Literatura Eletrônica que faculta aos autores de literatura eletrônica um conjunto de conselhos práticos, para que possam aumentar a durabilidade das mesmas. Estes factores demonstram que as instituições de publicação, arquivo e distribuição de literatura eletrônica ainda se encontram num estado incipiente.

No entanto, Hayles não se limita a tecer uma biografia da literatura eletrônica e a desenhar uma problemática acerca da sua conservação e difusão. Incorpora também a sua investigação em torno da especificidade do meio

digital, colocando a tónica na intermediação (um termo de Nicholas Gessler) entre o códice e a literatura eletrônica e entre o sujeito humano e as máquinas inteligentes. A intermediação entre dois média ocorre quando o medium novo adota algumas das características base do seu antecessor, mas entre literatura eletrônica e impressa a intermediação ocorre igualmente em sentido inverso: «quase todos os livros impressos são arquivos digitais antes de se tornarem livros» (p. 61).

Hayles prevê que «a literatura digital será um componente importante do cânone do século XXI» e por isso chama a atenção para o facto de grande parte dos textos impressos atuais nascerem já em meio digital. A tipografia está a ser marcada pelas possibilidades de edição, publicação e distribuição trazidas pelo computador. Embora os textos impressos e a literatura eletrônica («digital de nascença») apresentem características e funções diferenciadas, Hayles considera ambos como «dois componentes de uma complexa e dinâmica ecologia de mídia» (p. 164).

A ansiedade de obsolescência em relação ao romance, ou seja, o receio que a leitura de um romance se venha a tornar numa tarefa enfadonha perante as propostas colocadas pelos novos média, sofreu uma alteração que se deve ao meio digital. Hayles refere que, nos últimos anos, tem havido uma produção exponencial de romances, o que contraria o receio partilhado por muitos leitores de livros impressos. Isto

demonstra que o romance, enquanto representante do formato impresso, tem em sua posse «novos truques justamente porque se tornou uma forma de produção para o texto eletrônico» (p. 165). Hayles aponta desta forma a relação umbilical entre a literatura impressa e a literatura eletrônica, referindo que a «tentativa do romance impresso de demonstrar superioridade sobre a textualidade eletrônica está assim inextricavelmente entrelaçada com o reconhecimento simultâneo de que a textualidade eletrônica torna possíveis muitos dos seus desenvolvimentos inovadores» (p. 166). Com este argumento, Hayles pretende frisar que a oposição entre ambos os formatos é um processo estéril que omite as capacidades do computador enquanto instrumento crítico e criativo e que reduz a literatura eletrônica a uma situação de permanente experimentalismo.

O livro impresso é uma tecnologia utilizada na transmissão de conhecimento. No entanto, ao contrário do livro eletrônico, ele está integrado na cultura como um objeto naturalizado. Hayles pretende atenuar a reação ludita que muitos dos leitores apresentam perante um texto em formato eletrônico e refere que «são os humanos, não as máquinas, que fornecem, transmitem e interpretam significados» (p. 114). Para evidenciar uma relação naturalizada com a tecnologia, Hayles refere-se a um segundo nível de intermediação. A literatura eletrônica «realiza a função adicional de entrelaçar

modos humanos de conhecimento com cognição de máquina» (p. 142). Sendo assim, os seres humanos estão ligados aos computadores através de «malhas de retroalimentação e alimentação», o que significa que os computadores são projetados ou construídos pelos seres humanos, mas estes últimos são modificados pelas máquinas que constroem. O livro impresso é capaz de «alterar o estado perceptível e cognitivo de um leitor». Porém, enquanto um livro funciona como «um receptáculo para as cognições do escritor que se encontram armazenadas até serem ativadas por um leitor», o computador permite uma constante alteração da superfície do ecrã «valendo-se de algoritmos ou de programas aleatórios que obtêm informações de fluxos em tempo real para criar um número infinito de recombinações possíveis» (p. 74).

O «fluxo recombinante» confere ao computador a singularidade de responder dinamicamente às escolhas do utilizador, um atributo que o livro não consegue exibir. Adicionalmente, o computador é capaz de entender e produzir a linguagem alfabética. Contudo, os seres humanos não conseguem ler as operações internas de um computador. Isto faz com que ele seja considerado como uma caixa negra. No entanto, é preciso notar que a opacidade que é atribuída a este medium, resulta do nível de complexidade atingida pela computação, o qual impede o utilizador comum de entender o funcionamento interno de um computador. Sobre isto, Matthew

Kirschenbaum, no seu estudo forense sobre a materialidade do computador³, apontou para a tendência de centrar a análise da materialidade deste medium no ecrã e não no seu funcionamento interno. Neste estudo, Kirschenbaum analisa, numa escala microscópica, os bits inscritos na superfície de um disco rígido, comprovando que o computador tem uma materialidade que não se resume à iridiscência do ecrã. Sobre a aparente imaterialidade do computador, Hayles refere que «as tecnologias são corporizadas porque têm as suas próprias especificidades materiais como elementos centrais para entender como funcionam, assim como a fisiologia humana, a psicologia e a cognição são centrais para entender como o corpo (humano) funciona» (p. 121). Desta forma, o computador não poderá ser considerado como um instrumento autónomo da intervenção humana. Os processos que leva a cabo são ativados pelo próprio utilizador e não segundo uma prática aleatória. Apesar de não estar ao alcance do utilizador comum, o funcionamento interno deste pode ser revelado, desde que se tenha em conta a sua especificidade material (ou a sua profundidade), e não apenas a superfície do ecrã.

A visão tem um papel primordial no contacto com o texto eletrónico. Porém, embora baseie muito da sua ação na visão, o ambiente digital não permite

uma obsolescência do corpo. De facto, perante uma obra de literatura eletrónica, o leitor/ utilizador não acede à narrativa apenas através da visão. As opções que leva a cabo são assinaladas e transmitidas ao computador através de um itinerário feito de cliques ou de impulsos, os quais são despoletados pela participação do corpo (e não apenas da visão) no ato da leitura. O mesmo acontece com o livro impresso, perante o qual o contacto físico e visual é também permanente. A leitura dos caracteres e das imagens é intercalada com o virar da folha, o que se assemelha ao itinerário de cliques despoletado pelo texto eletrónico.

Por último, Hayles afirma que não será profícuo basear o estudo da especificidade da literatura eletrónica numa oposição entre ser humano e tecnologia. Em vez disso, ela sugere um estudo das interações entre ambos, permitindo a análise da continuidade entre a literatura impressa e a literatura eletrónica. Só procedendo assim poderá ser possível considerar a literatura eletrónica «como parte de um espaço de mídia contemporâneo com implicações significativas para a prática corporizada e a subjetividade» (p. 102).

O ser humano e a tecnologia estão envolvidos numa «espiral coevolucionária», sendo impossível de determinar qual obtém prevalência em detrimento do outro. De forma a entender a influência da tecnologia no cérebro humano, Hayles refere que os seres humanos «nascem com o sistema nervoso pronto

³ Matthew G. Kirschenbaum (2008), *Mechanisms: New Media and the Forensic Imagination*. Cambridge, MA: MIT Press.

a ser reconfigurado em resposta ao ambiente» (p. 123). Isto significa que, numa sociedade em que os novos média têm uma posição preponderante, o cérebro humano está constantemente a ser reconfigurado para responder aos desafios colocados pela tecnologia. Hayles pretende assim sublinhar uma relação naturalizada entre ser humano e tecnologia, porque considera que ao ter em conta a computação como uma mera prática técnica (em vez de uma prática artística) perde-se a oportunidade de compreender como artistas e programadores, utilizadores e jogadores se adaptam a este medium, coevoluindo com ele.

Através de uma comparação entre dois textos construídos através do programa Storyspace, Hayles refere que os próprios escritores estão a responder aos desafios colocados pela literatura segundo uma «coevolução adaptativa». A obra *Afternoon, a story* (1989) de Michael Joyce⁴ é considerada como a primeira hiperficção eletrónica. Embora seja construída e acedida em formato digital, ela é constituída maioritariamente por texto (ou lexias), com um escasso recurso a imagens e a gráficos. A obra *Twelve Blue* (1996), publicada pelo mesmo autor sete anos depois, foi também construída através do programa Storyspace. No entanto, esta obra beneficia já de um aproveitamento do grafismo proporcionado

pelas páginas da recém-chegada World Wide Web.

Hayles estende a teoria da «coevolução adaptativa» entre tecnologia e ser humano ao ato de leitura. Graças à elasticidade permitida pelo código binário do computador, o texto interativo permite que sejam estimuladas funções sensorio-motoras que o livro impresso não permitia desenvolver. A literatura impressa promovia uma leitura baseada na visão, mas a literatura eletrónica implica o tacto associado a uma reação psicofísica. Esta «estimulação sensorial», desconhecida até à chegada do computador, tem um impacto biológico acentuado na geração M (ou geração «Multitasking»), a qual:

(...) está passando por uma mudança cognitiva significativa, caracterizada por um desejo por estímulos que variam constantemente, baixa tolerância ao tédio, habilidade de processar múltiplos fluxos de informação simultaneamente e uma rápida compreensão intuitiva de procedimentos algorítmicos subjacentes que geram complexidade de superfície. (p. 125)

A autora compara o fenómeno de «hiperatenção», em que o leitor tem que lidar com transformações súbitas do texto e com múltiplos fluxos de informação, ao de «atenção profunda» que se observa na leitura de um livro impresso. Perante este, a atenção centra-se num só artefacto, numa só função e exclui outro tipo de estímulos. Já na literatura eletrónica, porque o leitor/

4 Também criador do programa Storyspace, juntamente com Jay David Bolter.

utilizador está perante «múltiplos fluxos de dados, estímulos em constante mudança e a evocação de um entendimento intuitivo de operação algorítmica» (p. 126), a atenção profunda e a hiperatenção são invocadas simultaneamente no ato de ler.

Hayles refere que a «evolução dos média permite uma sucessão de adaptações ontogênicas e com elas novas possibilidades de envolvimentos literários» e defende a importância de a crítica literária se manter receptiva a cada alteração. A interpretação de um texto eletrônico não se resume ao papel ativo do leitor, mas também à performance da máquina:

É exactamente quando esses processos de múltiplas camadas e múltiplos locais dentro de seres humanos e máquinas interagem por meio de dinâmicas de intermediação que os ricos efeitos da literatura eletrônica são criados, executados e experimentados. (p. 128)

Inicialmente, a literatura eletrônica espelhava muitas das características da literatura impressa. Porém, à medida que a tecnologia evoluiu, novas características foram introduzidas no meio digital. Hayles refere que «o conhecimento acumulado dos experimentos literários anteriores não se perdeu, mas continua a moldar os desempenhos no novo meio» (p. 74). A autora defende que a crítica literária tem vindo a ignorar que a própria literatura «funciona como uma tecnologia projetada para

mudar as cognições dos leitores» (p. 94), pelo que o movimento ludita contra a literatura eletrônica representa um contrassenso. A teoria literária terá que elaborar uma revisão de alguns conceitos fundamentais como o de «literatura», adaptando-os à nova realidade, na qual o computador não serve apenas para processamento de texto. O computador promete alterar as próprias práticas críticas, proporcionando-lhes novos instrumentos críticos como arquivos digitais, edições eletrônicas e todo um conjunto de ferramentas de análise textual.

O computador, inicialmente considerado como um instrumento de cálculo e de tratamento de dados, é o local onde a literatura eletrônica é produzida e difundida. O que Hayles sublinha é que este instrumento é agora utilizado artisticamente, suplantando a sua imagem de mera ferramenta e permeando vários aspetos da vida humana: «a literatura pode ser compreendida como uma tecnologia semiótica feita para criar – ou, mais precisamente, ativar – malhas de retroalimentação que unam dinâmica e recursivamente sentimentos e raciocínio, corpo e mente» (p. 141). O computador acentua o feedback recursivo entre medium e ser humano, na medida em que, durante a leitura de uma obra de literatura eletrônica, existe um canal aberto entre as operações da máquina, o corpo e a mente do utilizador. A literatura eletrônica «promove *intermediações* entre código de computador e linguagem unicamente humana,

processamento digital e análogo, e meio impresso e formas de mídia eletrônica» (p. 142). O leitor de um texto impresso terá que ultrapassar uma primeira superfície onde existe um código por decifrar. Só após resolver esse primeiro enigma, poderá o leitor encontrar um mundo que se esconde por trás de cada página. Hayles refere que só se esse mundo for «vibrante o suficiente», poderá o leitor abstrair-se da página e entrar em contacto com uma voz que emana do texto. Essa voz permite que a interioridade do leitor e do autor surjam interligadas. Porém, perante o computador, o leitor lida fundamentalmente com um programa que serve de intermediário entre as operações da máquina e as intenções do autor/programador. A interação entre estes três elementos, unidos num ciclo recursivo, representa «em microcosmo nossa situação contemporânea de viver e agir dentro de ambientes inteligentes» (p. 158).

Neste livro, Hayles levanta muitas questões que permanecem em aberto,

rejeitando a posição antagónica que a literatura eletrónica tem manifestado face ao livro impresso e referindo que ambos estão umbilicalmente ligados. Ao intitular a introdução «Leia-me», Hayles não está apenas a dar instruções sobre como utilizar o seu livro num contexto pedagógico. Está igualmente a refletir sobre a natureza de uma literatura que exige do leitor uma resposta psicofísica aumentada e um conhecimento técnico, ainda que intuitivo, do funcionamento do medium. A literatura eletrónica introduz uma alteração no ato de ler, que Hayles vê como um sinal de mudança na interação entre ser humano e mundo. Por isso, a sua introdução intitulada «Leia-me» não espelha apenas a natureza da literatura eletrónica, mas chama a atenção para a necessidade de «uma instalação» das obras de literatura eletrónica no horizonte literário que afinal já se estende a partir do meio digital.

Daniela Côrtes Maduro